
Escola Guatemala

Uma escola dos anos 50 com a visão contemporânea de Anísio Teixeira

Regina Célia Castiglioni de Queiroz

Resumo

Este artigo examina alguns aspectos da experiência pedagógica da escola Guatemala, no período de 1955 a 1975 com base na dissertação de mestrado da professora Regina Célia Castiglioni de Queiroz. Situada no Rio de Janeiro e objeto de poucos estudos, a Escola Guatemala desenvolveu uma pedagogia revolucionária sob a orientação de Anísio Teixeira, mediante um convênio do governo federal com o Estado da Guanabara. Ao combinar pesquisa bibliográfica e história oral, o estudo procura avaliar a atuação de um grupo de educadores e educadoras, numa tentativa de resgatar o método de projetos, que introduziu a ciência da psicologia educacional no Brasil. Trata-se de estudar uma experiência da escola nova brasileira, com foco no caráter multiplicador cultural do método de projetos e o aperfeiçoamento constante de educadores, que Anísio Teixeira defendeu em sua filosofia da educação. Concluindo, acreditamos que os problemas educacionais da atualidade tornam emergente, hoje, o estudo das experiências educacionais da Escola Guatemala numa dimensão de implantação de políticas educacionais que possam ser viáveis e bem sucedidas.

1. Utopia

O ano de 2003 inaugura uma época que promete mudanças decisivas na trajetória da sociedade brasileira rumo a uma existência verdadeiramente democrática. Eleito presidente, com 52 milhões de votos, Luiz Inácio Lula da Silva, líder operário surgido há pouco mais de 20 anos nas lutas populares pela queda da ditadura, encarna a esperança de inclusão dos

desvalidos no contexto da cidadania, com o fim da fome e do analfabetismo.

O professor Cristovam Buarque (2003, p. 7), Ministro da Educação, resume essa prioridade:

O Brasil ainda tem 20 milhões de analfabetos. As elites que governaram este país nos seus 500 anos de História são responsáveis por esta triste estatística. Mas a sociedade não pode mais ficar impassível diante desses números, porque abolir a fome e o analfabetismo é um desafio diante do qual ninguém pode ficar indiferente. (O Globo, 2003, p. 7)

2. Carência metodológica

Em crise permanente, a educação brasileira parece padecer de uma carência crônica de alternativas metodológicas, quanto mais chegar à sistematização de um ensino recriado em bases verdadeiramente democráticas. A conjuntura mundial de exclusão social se exacerba e configura também uma crise ética. O estágio civilizatório a que chegou a humanidade, está a exigir a emergência de uma cientificidade solidária, sobre a qual o crescimento humano ganhe centralidade numa sociedade globalizada e excludente (Santos, 2000, *passim*).

“Vamos instituir no Brasil a mania da Educação”, sentencia Buarque (*op.cit.*), explicando que a Educação começa no nascimento, onde houver uma mulher grávida ela precisa contar com o poder público e com a sociedade para colaborar com o futuro aluno que ela está carregando. Depois do nascimento a tarefa dos educadores é “cuidar para que a criança, ao entrar na escola, não esteja atrasada” (*ibidem*). Vê-se, portanto, que acabar com o analfabetismo é uma tarefa cultural da sociedade brasileira.

Por meio século, 1922 a 1971, Anísio Teixeira empenhou-se na tarefa de pensar e agir e voltar a pensar e retornar à ação sobre metodologias educacionais, sempre com os olhos postos num futuro grandioso que vislumbrava para este país que tanto amava, um futuro que não se define apenas como uma possibilidade, mas significa o próprio cumprir da utopia. Assim, o Brasil ainda tem a educação no núcleo das prioridades, governo trás governo, e por isso mesmo, a educação ganha centralidade no mundo do trabalho (Frigotto, 2000).

Da ascensão de Getúlio Vargas ao poder, na década de 30 – quando o país ensaia seus primeiros passos rumo à modernidade – até o recrudescimento da ditadura militar no início dos anos 70, quando morre, Anísio

Teixeira empregou todas as suas forças em prol do desenvolvimento da Educação, do educador e da escola.

Ocupou postos importantes na Educação, revolucionou os métodos de ensino, contra a escola tradicional na qual se formara e à qual dirigiu duras críticas metodológicas. Garantiu nobreza epistemológica à ciência da Educação e sofisticação à arte de ensinar. É este sentido positivo de sua filosofia que pretendemos eleger como objeto de estudo, a história singular da Escola Guatemala.

Tentaremos situar as experiências da Escola Guatemala no contexto de necessidades de mudanças pedagógicas, no período de 1955 a 1975, para compreender as demandas atuais. Acabar com o analfabetismo é inserir 20 milhões de brasileiros no mundo da cidadania local e global. Esta tarefa parece exigir esforços de todos os segmentos sociais. O conhecimento científico se impõe, cada vez mais, como imprescindível à qualificação que homens e mulheres precisam para responder às novas exigências do mundo do trabalho.

3. Insuficiência de recursos financeiros

Em 1953, quando Anísio Teixeira criou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), o país tinha apenas 3 milhões de crianças de 7 a 12 anos matriculadas, quando os registros davam conta de uma população de 8 milhões nessa faixa etária. Só cerca de 2 milhões eram aprovados. Anualmente, um milhão de crianças repetiam o ano, congestionando a escola em dois e três turnos, enquanto cerca de cinco milhões de crianças sequer conheciam a escola. A educação secundária média, compreendendo aí todos os estudos pós-primários, chegava a cerca de 600 mil alunos, ou seja, 20% da frequência média do ensino elementar. O ensino superior era ministrado a cerca de 46 mil estudantes, isto é, cerca de 8% dos estudantes matriculados nos cursos secundários e médios (Romanelli, p. 76).

Anísio Teixeira analisa a situação da educação brasileira de então, os obstáculos à sua reconstrução, lembrando que além do problema técnico-pedagógico - “necessidade de aperfeiçoamento permanente do ensino e das escolas, com o incremento de nossa cultura especializada, e pelo preparo cada vez mais eficiente do nosso magistério” – a carência de recursos financeiros e o número insuficiente de professores figuram como principal obstáculo ao crescimento da educação (Teixeira, 1953, p. 10).

Uma população de 51,9 milhões de almas e grandes problemas da educação. Eis o contexto educacional do Brasil dos anos 50. Problemas agravados em função da velocidade da evolução do adensamento populacional, crescente urbanização e uma taxa de analfabetismo de 50,5%, apenas na faixa etária de mais de 15 anos.

Figurava entre as principais dificuldades ao desenvolvimento da educação, a insuficiência de investimentos. Situação semelhante, Anísio Teixeira tinha enfrentado concretamente na Bahia e no Distrito Federal, tanto do ponto de vista da problemática, como de sua solução.

Nos anos 30, como na década de 50 e mesmo depois do ano 2000, as verbas são sempre insuficientes para o ensino que tem que ser implementado. Aí, duas linhas atuam, uma pela educação extensiva e a outra pela educação intensiva. A primeira entende que vale a pena ter um ensino precário, fazer o que for possível com os recursos financeiros disponíveis, mesmo tendo infra-estrutura para o ensino de período integral. A segunda pensa um ensino de período integral com os recursos disponíveis. Porém, para poucos, na proporção que esses mesmos recursos permitirem.

Apesar de toda insuficiência, os esforços empenhados resultariam na queda acentuada do índice de analfabetismo na década de 50. O analfabetismo na população com mais de 15 anos caiu de 50,48%, em 1950, para 39,4% em 1960. Na década de 40 a taxa era de 56,17% (Romanelli, op.cit., p. 75)

Hoje, as dificuldades se repetem numa população de quase 180 milhões de pessoas e os efeitos são conhecidos: 20 milhões de analfabetos. Ainda agora, a principal carência é de recursos financeiros. Repete-se também um paradoxo de natureza política na hora da destinação de recursos financeiros, em relação aos programas: o Partido dos Trabalhadores – que se impõe como tarefa acabar com o analfabetismo, avaliou que a política educacional do governo Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) se deu no marco da “descentralização executiva, controle centralizado, privatização do atendimento (na educação infantil e no ensino superior) e insuficiência global de recursos” (Jornal do Diap, 2003, p. 5) . Mas nem por isso, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, ao assumir o poder, destinou mais recursos para o Fundef (Fundo para o Desenvolvimento do Ensino Fundamental), por exemplo. Em 2003, a complementação dos recursos do Fundef, para atender ao artigo 6º da Lei 9.424/96 para os Esta-

dos e Municípios, ficou abaixo da que foi destinada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso (O Dia, 2003, p. 6). A média nacional de recursos do Fundef está em torno de R\$ 733,80, para cada aluno de 1ª a 4ª série; o governo decidiu repassar apenas R\$ 446,00. Da 5ª a 8ª série, o gasto por aluno seria de R\$ 770,50, mas teria repasse de apenas R\$ 468,00. As diferenças a menor, que para o PT impedem as autoridades de corrigir as disparidades regionais na Educação, ainda se mantêm, independentemente do que representem numericamente. Se de fato, a falta de recursos é um ponto crítico importante, as contradições daí decorrentes, no entanto, não decretam o fracasso das políticas educacionais do governo como um todo.

4. Objetivos deste estudo

- analisar, através de documentos, e da própria história oral, a Escola Guatemala e sua proposta pedagógica no cenário educacional, da época;
- identificar o pensamento de Anísio Teixeira e a repercussão de suas idéias no campo pedagógico e político do país;
- estudar a experiência da escola nova brasileira com ênfase no método de projetos que a mesma desenvolvia.

Para questões de estudo destacamos:

- a) O que representou, na época, a Escola Guatemala?
- b) Quais as idéias básicas de Anísio Teixeira para a educação?
- c) Qual a importância das experiências pedagógicas da escola Guatemala, para os problemas da atualidade, no campo educacional?

A metodologia caracteriza-se pela abordagem qualitativa do tipo exploratória, com ênfase em estudo de caso, no que diz respeito à Escola Guatemala. Para a realização desse estudo três procedimentos foram signi-

ficativos: pesquisa documental, na qual procuramos identificar os documentos básicos que fundamentaram o trabalho; história oral, com ênfase na história vivenciada pela então diretora da Escola Guatemala e pesquisa de campo, com destaque para o material e método de projetos que a Escola desenvolvia.

Podemos sinalizar dois caminhos na pesquisa: um do resgate do material/falas/organização que a Escola Guatemala possuiu na época do seu funcionamento diferenciado (1955 a 1975); o outro a tentativa de “traduzir” esse momento histórico para o contexto atual num movimento permanente de busca de resultados satisfatórios para uma educação de qualidade para o nosso país.

5. Não basta ser educador

Anísio Teixeira, além de ter objetivos bem definidos, “*sabia o que queria*”, contou com uma equipe extremamente profissional e comprometida com a educação na Escola Guatemala. Ao se decidir que a linha a seguir era a da escola nova, a criança só poderia ser tratada pedagogicamente em período integral, com um método aberto que permitisse a participação plena da criança, da família, da comunidade. Daí a importância do bairro de Fátima, pequeno, central, popular em seu sentido mais múltiplo do termo. O bairro de Fátima, da época recortada, reunia tanto crianças oriundas do meio rural, quanto meninos e meninas vindas em imigrações da Europa. Havia ali o contraste cultural que fustigava a mente mediadora e multiplicadora de Anísio Teixeira. É de se exaltar a capacidade de adaptação das professoras, a competência das psicólogas (a EG foi a pioneira na introdução da Psicologia na educação brasileira), a firmeza das diretoras, deve-se exaltar também a mentalidade do apoio oficial como era defendido por Anísio Teixeira, científico, logístico, multicultural. Sobre as professoras, convém observar, que na maioria dos casos, a preparação prática vinha de estágios na escola de aplicação do Instituto de Educação, criado pelo próprio Anísio Teixeira. Essas docentes saíam do que chamavam de “*experiência*”, no IE, para a experimentação dessa “*experiência*”, na EG.

Aí começava a se definir sua autonomia, para corresponder coerentemente ao escolanovismo de Dewey e Kilpatirck, objetivo de Anísio Teixeira. Então, vinha o envolvimento das educadoras em todos os níveis,

um mergulho na prática e outro na teoria, com plena orientação didática, ética, psicológica e apoio social. Para ser coerente com a dinâmica das contradições, o sentido evolutivo, dialético da EG, não faltaram os paradoxos. Setores da comunidade condenaram o *método de projetos* por causa de perda de vagas. A escola se encarregou de mostrar a mentalidade equivocada desses setores, de certa forma manipulados por políticos locais.

Atualmente, no plano do ensino público, as intervenções políticas resultam em verdadeiros desastres na educação. Em termos de ensino fundamental, basta ver os dados oficiais, publicados na imprensa pelo próprio INEP. A taxa de reprovação de 10,7% e de abandono da escola, 12%, em termos nacionais, podem dar uma idéia da decadência das políticas educacionais de seguidos governos até 2001. No plano privado, não é diferente e as variáveis são muitas, vão desde o uso de técnicas de *marketing*, que tratam a educação como produto, passam pelos que se assemelham a guetos, na defesa de um determinado método, e pelos que chegam a um certo ecletismo e, enfim, registra-se a presença, ainda que pequena, dos que não assimilaram sequer a lição dos “pioneiros” da *coeducação* (classes mistas) e continuam separando as salas de aula mediante a classificação das crianças por gênero.

Na visão de Anísio Teixeira, não basta ser educador para desenvolver a arte de ensinar. É preciso ciência para fazer ciência. Os interesses das políticas educacionais verdadeiras devem estar acima dos interesses dos grupos políticos. “Achados” de *marketing* político ou comercial, quando aplicados na educação, podem gerar expectativas além das que os resultados alcançados possam proporcionar. “O Rio tem quase todas as crianças na escola”, dizem as estatísticas, mas os números não são suficientes para consolidar as políticas afirmativas de inclusão social, através do mercado de trabalho. Ressalvada a complexidade maior de agora, as ingerências políticas são semelhantes. O sintoma maior de que a Escola Guatemala deu certo é a sua noção do construtivismo, a hegemonia dos recursos visuais, a pesquisa, os recursos dramáticos, a comunicação, a criação literária etc. E também por idéias que possam ser revistas ou revisitadas. Mas o traço marcante do sucesso da EG é a necessidade de sua repetição, hoje, nos mesmos moldes oficiais, um enclave de cientificidade educacional, um laboratório metodológico, multiplicador de cultura e ciência através da arte de ensinar.

6. Cientificidade solidária

Este estudo deixa em aberto muitas questões. Ou por estarem distanciadas do nosso foco – a multiplicação cultural como efeito positivo do emprego das idéias de Anísio Teixeira na Escola Guatemala –, ou porque merecem estudo específico. E nesse sentido, até chegar ao real, a nossa análise suscitou outras análises, na medida em que levantou possibilidades.

Com efeito, não basta ser educador. É preciso ter compromisso com o educando, com a educação. Também esse compromisso se cumprirá num processo, numa cultura dentro da arte de ensinar. O conhecimento do conhecimento, que segundo Morin (2000), é um dos saberes necessários à educação contemporânea, pode nos levar à solidariedade como a práxis desse conhecimento. Pode também nos levar a uma cientificidade solidária, com uma educação que leve à consciência da necessidade humana de se opor à guerra, uma educação que construa clareza sobre os direitos universais e locais das pessoas, e sobre a busca do princípio de igualdade entre homens e mulheres de etnias e credos diferentes. A Escola Guatemala talvez fosse esse instrumento da cidadania, da utopia, vivo no imaginário de educadoras e educadores nesse Brasil de educação permanentemente em crise.

7. Multiplicação cultural

Por que a Escola Guatemala reportava uma visão contemporânea de Anísio Teixeira? A Escola Guatemala iniciou suas atividades em 1955, quando ainda vigorava o regime da vara de marmelo da escola tradicional. Veio a ser pioneira na utilização curricular da Psicologia no ensino, o que possibilitou tanto na teoria como na prática importantes inovações metodológicas. É claro que sem a Psicologia, seria epistemologicamente impossível empregar a filosofia de John Dewey e Kilpatrick, não teríamos os aspectos escolanovistas na prática educativa experimentados por Anísio Teixeira e sua equipe para a nossa cultura, na estrutura curricular da Escola Guatemala. A evolução dos recursos visuais, um dos instrumentos básicos da metodologia escolanovista, talvez possa melhor dimensionar a atualidade da visão da Escola Guatemala, que jamais se deixou cair no experimentalismo, embora fosse experimental. Cumpriu os procedimentos e ritos comuns às

demais escolas – a avaliação pressupunha também a prova, a nota, embora sem se pautar na memorização tradicional.

Juntem-se aspectos tais como o método de projetos, a própria ocupação do espaço da classe pelos alunos, a autonomia dos alunos na gestão da lojinha, à criatividade docente e discente no uso dos recursos (a televisão, o teatro, a música, a pintura moderna, etc), tudo de que os educadores dispunham para um aprendizado de qualidade dentro daquele universo que era a Escola Guatemala, e teremos a noção de contemporaneidade. E tudo isso era formulado teoricamente e dirigido na prática por Anísio Teixeira, de quem tomamos emprestado o conceito de multiplicação cultural, o objetivo terminal da educação.

Entendemos que neste momento em que a Educação busca caminhos novos para resolver demandas novas no aprendizado, os desafios da comunicação, a questão da cidadania, a ciência solidária, o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável é fundamental reivindicarmos escolas experimentais, que proponham métodos democráticos, currículos atuais sincronizados com as grandes necessidades da população. Só assim, poderemos definir paradigmas novos para a Educação. ◆

Referências

ARANHA, Maria Lúcia. de A. **História da Educação**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BONATO, S. **História e Idéias Pedagógicas da Companhia de Jesus**. www.geocities.com/bonatopuc/jesuítas.htm, 2002.

BUARQUE, C. Mania de Educação. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 2003., Caderno Opinião, p.7.

CUNHA, L. A. E GÓES, M. **O Golpe na Educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

DEWEY, John. **Vida e educação**. Coleção Os Pensadores. Traduções de Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme, Anísio Teixeira, Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Educação: política da quantidade prejudicou qualidade. **JORNAL DO DIAP**, janeiro 2003, p.5.

FERNANDES, F. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus Editora da Universidade de São Paulo.

_____. A Democratização do Ensino. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, INEP-MEC, vol. XXXIV, n.79, p.216-225, julho-setembro. 1960.

_____. O Cientista Brasileiro e o Desenvolvimento da Ciência. **Revista Brasileira de Estudos pedagógicos, INEP-MEC**, vol. XXXIV, n.80, p.3-59, out.-dez. 1960.

_____. A nova lei da Educação. *Revista brasileira de Estudos Pedagógicos*, INEP-MEC, vol. 1, n.1, p.129-132, julho.1944.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Pensamento pedagógico brasileiro**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **História das Idéias Pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.

KILPATRICK, W.H. **Educação para uma civilização em mudança**. 6.ed. Tradução da Profa. Noemy s. Rudolfer. Título do original norte-americano: Education for A Changing Civilization. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**: a poesia da ação. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000, p.644.

PASSOS, C. **O Escola Guatemala**: uma conversão do olhar para a construção do currículo de uma escola experimental. 1996. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RAMOS, Mônica. Faça o que eu mando. **O Dia**, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro, de 2002, Informe, p.6.

ROMANELLI, Otaíza de O. **História da Educação no Brasil**. 24.ed.Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SANTOS, B. de S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. 12. ed.Porto, Portugal: Afrontamento,2001.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense,1994.

SAVIANI, D. **Da nova LDB ao plano nacional de educação**: Por uma Política educacional 3. ed. Campinas: Autores Associado, 2000.

TEIXEIRA, A. S. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação - A Escola Progressiva, ou, a Transformação da Escola**. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Condições para a Reconstrução Educacional Brasileira. **Idéias e Debates. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, INEP-MEC-** vol.XIX, n.49, p.03-12, março. 1953.

_____. A Crise Educacional Brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, INEP- MEC – Vol. XIX, n. 50, p.20-43, abril-junho.1953.**

_____. A Escola Parque da Bahia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.47, n.106, abr./jun. 1967. p.246-253.

_____. **Relatório da Inspeção Geral do Ensino do Estado da Bahia**. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1925. In Biblioteca Virtual Anísio Teixeira, acesso 8 abr. 2001.

_____. **Anotações de Viagem aos Estados Unidos**, Navio Pan América, 1927. In Biblioteca Virtual Anísio Teixeira, acesso 8 abr. 2001.

_____. **Educação não é Privilégio**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994, p.250. In Biblioteca Virtual Anísio Teixeira, acesso 8 abr. 2001.